

REPERCUSSÕES TRANSGERACIONAIS NO RELACIONAMENTO CONJUGAL: UM ESTUDO DE CASO

Adult children's' comprehension about transgenerational influences
on their love relationship

Fátima Isabel Ronchese¹; Angélica Paula Neumann²

¹ Psicóloga, Especialista em Psicoterapia sistêmica individual, conjugal e familiar. Trabalho desenvolvido junto ao curso de Psicologia da Universidade Regional e Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Erechim/RS. *E-mail*: fatii.ronchese@gmail.com

² Psicóloga, Doutora em Psicologia. Docente do Curso de Psicologia da Universidade Regional e Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Erechim/RS. *E-mail*: aneumann@uricer.edu.br

Data do recebimento: 21/06/2022 - Data do aceite: 26/09/2022

RESUMO: Este estudo investigou, por meio de um estudo de caso único, a compreensão de um casal sobre as influências transgeracionais na sua relação conjugal. O caso foi formado por um casal heterossexual, com 24 e 26 anos de idade. Realizou-se a construção conjunta do genograma familiar, seguido de entrevistas semiestruturadas individuais. Os dados foram analisados à luz da teoria sistêmica. O casal identificou elementos específicos de transmissão intergeracional em suas histórias, como similaridades com seus progenitores em comportamentos ou características de personalidade, ou atitudes parentais que não desejavam repetir. As repercussões na dinâmica relacional e nos comportamentos interdependentes não foram nomeadas ou percebidas de forma clara pelos participantes. A falta de diferenciação da família de origem se mostrou um componente importante na estruturação do relacionamento conjugal deste casal. O estudo ilustra processos transgeracionais em um casal que apresenta sofrimento conjugal e traz sugestões de novas investigações sobre o tema.

Palavras-chave: Conjugalidade. Transgeracionalidade. Diferenciação de self.

ABSTRACT: This study investigated the way in which a couple understood the transgenerational influences on their love relationship. The method used

was a single case study. The case was formed by a heterosexual couple, with 24 and 26 years old. The family's genogram was designed conjointly, followed by semi-structured individual interviews. Data was analyzed in the light of systemic theory. The couple identified specific elements of intergenerational transmission in their histories, such as similarities with their parents in behaviors or personality characteristics, as well as parental attitudes that they did not wish to repeat. The influences on relational dynamics and in interdependent behaviors were not clearly perceived by the participants. Lack of self-differentiation from the family of origin was an important component in the structure of the marital relationship. This study illustrates transgenerational processes in a distressed couple and draws suggestions for new studies.

Keywords: Conjugalidade. Transgenerational influences. self-differentiation.

Introdução

Estudar a conjugalidade envolve compreender uma diversidade de elementos que circunscrevem as relações. Dentre eles, os aspectos transmitidos transgeracionalmente têm um peso importante na escolha, construção e consolidação dos vínculos entre os pares. Os processos transmitidos de uma geração para outra são conceituados pela literatura como transgeracionalidade, tratando-se de padrões relacionais que são transmitidos para as gerações seguintes, ainda que as pessoas envolvidas não percebam (CAMICIA; SILVA; SCHMIDT, 2016). Tais processos asseguram a identidade familiar e explicam o significado das peculiaridades e transações que se fazem presentes nas novas gerações (FALCKE; WAGNER, 2005).

Os processos transgeracionais têm sido largamente estudados pela literatura sistêmica e psicanalítica destinada à compreensão da conjugalidade. Ao revisar os teóricos sistêmicos clássicos, Falcke; Wagner (2005) identificaram como principais elementos transgeracionais as lealdades, os valores, as crenças, os mitos, os segredos, os rituais e os

legados, aspectos caracterizados, de modo geral, como forças invisíveis que interferem nas vivências relacionais. Anton (2016), a partir de um olhar psicanalítico, aponta que o papel ocupado na família, as experiências vivenciadas e a posição na fratria são alguns elementos transgeracionais que tendem a influenciar no modo como as pessoas manifestam a afetividade nos seus relacionamentos. Além destes, a autora pontua que o interdito dos papéis, as funções designadas e aquelas proibidas, que ambos os cônjuges ocuparam ou permanecem a ocupar em sua família de origem, possibilitam o surgimento de anseios, temores e fantasias inconscientes, que tendem a rerepresentar-se em sua trajetória relacional.

Tais elementos, em conjunto, contribuem para a formação de um modelo de conjugalidade vivenciado pelo sujeito em seu núcleo familiar. Segundo essa perspectiva, a escolha do cônjuge estaria ligada aos modelos parentais, de modo que a busca pela característica desejada no parceiro é influenciada e transmitida pelas famílias de origem, envolvendo os valores e as expectativas depositadas em cada novo relacionamento. A busca pelo par, assim, pode ocorrer em virtude da busca por alguém que represente uma vivência similar

àquela experienciada na família de origem ou pela busca daquilo que se opõe ao relacionamento dos pais. Mesmo que isso ocorra, porém, estes continuam sendo uma fonte de referência para essas escolhas (SILVA; MENEZES; LOPES, 2010).

Quissini e Coelho (2014), ao investigar a percepção de adultos divorciados sobre a influência das famílias de origem na escolha do companheiro(a), encontraram que o processo de escolha conjugal foi permeado pela busca por semelhanças com os genitores no que diz respeito aos cuidados oferecidos pelos pais e no modo como eles se relacionavam. Os autores identificaram a tentativa de repetir no relacionamento amoroso os valores e comportamentos que eram considerados satisfatórios na relação parental, ou de tentar estabelecer o contrário quando não consideravam seus modelos aprazíveis. O estudo permitiu verificar o reconhecimento, pelos participantes, de semelhanças entre o seu relacionamento conjugal e as relações de pais e sogros, bem como de influências diretas das famílias de origem em determinadas fases da vida conjugal.

Outras investigações, porém, demonstram que nem todas as pessoas reconhecem a influência do relacionamento parental na sua construção conjugal. Ao investigar como jovens adultos elaboram as suas percepções sobre a conjugalidade dos pais, Féres-Carneiro, Magalhães e Ziviani (2006) encontraram que os filhos que rechaçavam a ideia de que a conjugalidade dos pais influencia no lugar que o parceiro(a) ocupa em sua vida eram aqueles que avaliavam a relação conjugal parental como muito insatisfatória.

Em outro estudo, estes autores identificaram que a avaliação favorável do relacionamento dos pais não necessariamente se relaciona com melhores habilidades relacionais (ZIVIANI et al., 2014). Os autores investigaram a relação entre a percepção

sobre a conjugalidade dos pais e as habilidades conjugais e encontraram que, quanto mais os jovens percebiam o relacionamento dos pais como satisfatórios, menores eram suas habilidades para expressar sentimentos e pensamentos ao cônjuge, tanto aqueles negativos, como agressão e descontentamento, quanto os positivos, como afeto, elogios e opiniões, aspectos que tendem a levar a uma rotina conjugal pouco conflituosa, mas, ao mesmo tempo, afetivamente restrita. Em contrapartida, os filhos que percebiam com ambivalência a relação dos pais eram aqueles que possuíam melhores habilidades para expressar sentimentos e pensamentos ao cônjuge, havendo espaço no relacionamento para a vivência de emoções contraditórias e maior tolerância para a ocorrência de erros e falhas. Segundo os autores, a idealização da relação dos pais pode criar um mito de conjugalidade que não necessariamente corresponde com a experiência real da vida a dois, tornando-se um obstáculo para a busca de ajustes necessários nas relações afetivas.

Assim, quando os padrões familiares reforçam a manutenção de modelos rígidos e disfuncionais, repetidos através das gerações em prol das lealdades transgeracionais, podem ser geradores de sofrimento (SILVA NETO; STREY et al., 2011). Estudos com casais chineses, cuja cultura reforça a proximidade nos laços familiares, demonstram que a triangulação do filho adulto em sua família de origem impacta negativamente na qualidade conjugal deste filho (HU; SZE; CHEN et al., 2015; YUAN, 2019). Outra pesquisa, com casais italianos que estavam em fase de transição do namoro para o casamento, encontrou que, quanto maior a intrusividade dos pais, mais frágil era a incorporação do relacionamento amoroso no autoconceito dos jovens, aspecto denominado de identidade conjugal. Segundo os autores, a intrusividade parental impede que o indivíduo forme um senso claro de *self*, o que interfere, como

consequência, na formação da sua identidade conjugal (MANZI; PARISE; IAFRATE; SEDIKIDES; VIGNOLES, 2015). Holman e Busby (2012) corroboram esses dados e acrescentam que os eventos e processos da família de origem são transmitidos para os relacionamentos íntimos da geração seguinte por meio da diferenciação de *self*.

Numa perspectiva transgeracional, o processo de diferenciação de cada parceiro(a) face às famílias de origem é extremamente importante. A diferenciação de *self* foi definida por Bowen (1979) como o grau em que os filhos se diferenciam emocionalmente de seus pais e adquirem autonomia emocional. Segundo o autor, esta autonomia é avaliada por meio da posição adotada por cada indivíduo frente ao intelecto e às emoções. Os indivíduos diferenciados são mais adaptáveis ao estresse, possuindo maior equilíbrio entre pensamentos e sentimentos. Devido a isso, posicionam-se em diferentes assuntos de acordo com suas crenças e agem a favor daquilo que acreditam. São capazes de passar por fortes emoções sem se desestabilizar e possuem a capacidade de resistir aos impulsos. Por sua vez, as pessoas indiferenciadas possuem maior emotividade, são vulneráveis às tensões do seu ambiente e apresentam maior dificuldade para se adaptar às exigências da vida. Sua vida é movida por respostas reativas aos comportamentos dos que as cercam, apresentando menor capacidade reflexiva em relação aos eventos que acontecem (BOWEN, 1979).

Segundo a teoria boweniana, as famílias são constituídas por uma massa indiferenciada do ego familiar, tendo presente o sentimento de pertencimento e fusão entre os membros como sua característica principal. Como resultado dessa força, em geral, as pessoas possuem menos autonomia do que imaginam possuir e são mais vinculadas e reativas aos outros do que gostariam (NI-

CHOLS; SCHWARTZ, 2007). A diferenciação de *self*, assim, envolve a capacidade de pertencer sem se fundir. Quando alcançado o equilíbrio entre pertencimento, fusão e diferenciação, os membros do grupo familiar passam a apresentar funcionamento mais adaptativo (FIORINI; MULLER; BOLZE, 2018). Apesar do termo diferenciação de *self* remeter ao processo individual de cada membro da família, a teoria boweniana se trata de uma teoria multigeracional que compreende a interdependência e a maneira como as pessoas interagem umas com as outras (OTTO; RIBEIRO, 2020).

No que tange à conjugalidade, quanto maior o nível de diferenciação dos membros do casal com suas famílias de origem, melhores níveis de ajustamento conjugal tendem a ocorrer (FERREIRA; NARCISO et al., 2014; KIM et al., 2015; LAMPIS, 2016; LAMPIS; CATAUDELLA; BUSONERA et al., 2017; LOHAN; GUPTA, 2016; PELEG, 2008; RODRÍGUEZ-GONZÁLEZ; SKOWRON; GREGORIO et al., 2016) e mais livre tende a ser a escolha conjugal (ANDOLFI, 1996). Por sua vez, quanto menor o nível de diferenciação, menos livre será a escolha, pois esta partirá de uma ação compensatória de preenchimento de vazios das relações primárias. Isso faz com que surjam tensões recorrentes e que a relação de intimidade passe a ser constantemente invadida por demandas advindas de outro nível geracional (ANDOLFI, 1996).

Apesar disso, é necessário considerar que a herança transgeracional não possui um caráter determinista. A vivência da conjugalidade, nessa perspectiva, é demarcada pela maneira como os filhos se apropriam da experiência conjugal de seus pais (ZIVIANI et al., 2014; SCHULZ; COLOSSI, 2020). Esta apropriação da herança familiar, por sua vez, depende das condições de diferenciação promovidas pela família ao longo do desenvolvimento, as quais são mediadas pelas relações entre

os pais e os filhos e pelo reconhecimento da alteridade e do enfrentamento das próprias demandas na relação conjugal parental, possibilitando aos filhos a construção de um projeto de vida mais autônomo (FÉRES-CARNEIRO et al., 2006). A resignificação das vivências familiares, assim, oferece às pessoas a possibilidade de reescreverem a sua história conjugal, congregando suas experiências atuais e construindo novos modelos de relacionamento (ROSADO; BARBOSA; WAGNER, 2016).

Em virtude da importância dos aspectos transgeracionais na escolha e na dinâmica conjugal, o objetivo deste estudo foi investigar as influências transgeracionais na relação conjugal, com base no aporte teórico sistêmico. Considera-se que o aprofundamento do tema por meio de um estudo de caso com um casal permite conhecer de que maneira os cônjuges apreendem e reconhecem a sua história transgeracional, fornecendo subsídios teórico-práticos para profissionais e estudantes de Psicologia voltados à clínica de casal.

Método

Participantes e delineamento

Trata-se de um estudo de caso com delineamento qualitativo, descritivo e exploratório, e corte transversal. Participou um casal heterossexual que coabitava há pouco mais de dois anos, com idades de 24 e 26 anos e residentes em uma cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Os participantes foram identificados como Amanda e Anderson. Os nomes são fictícios a fim de preservar a identidade dos indivíduos. Informações potencialmente identificáveis também foram alteradas com a mesma finalidade. A amostra foi formada por conveniência.

Instrumentos

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais com cada membro do casal, além de construção conjunta do genograma familiar do casal. A construção do genograma teve como objetivo representar graficamente as relações estabelecidas transgeracionalmente. A entrevista semiestruturada foi formada por 19 questões abertas e teve como objetivo compreender como essas relações se mantêm no cotidiano de cada participante. Investigaram, também, como os participantes observam o relacionamento dos seus pais e o seu próprio relacionamento amoroso.

Procedimentos

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, realizou-se contato telefônico com pessoas indicadas pela rede de contatos das pesquisadoras, a fim de efetuar o convite para participar da pesquisa. Agendou-se data, hora e local para a coleta dos dados, que foi realizada na casa dos participantes e iniciou após leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As entrevistas foram audiogravadas e transcritas na íntegra. No que diz respeito ao genograma, no momento da coleta de dados foi desenhado em uma folha de ofício e, posteriormente, redesenhado de forma digital. A coleta de dados teve duração aproximada de 1h40min, incluindo a construção do genograma e a realização das duas entrevistas.

Para a análise dos dados, utilizou-se a metodologia de estudo de casos proposta por Yin (2001). Os dados foram analisados baseando-se em proposições teóricas, de modo que os resultados encontrados foram comparados com os conceitos descritos pela literatura a fim de ampliar, consolidar ou construir novas formas de entendimento. Optou-se por esta estratégia analítica por se tratar de um tema que possui subsídios teóricos adequados na literatura.

Resultados e Discussão

Anderson e Amanda se conhecem há cinco anos, residem juntos há pouco mais de dois anos e não tem filhos, porém, vivenciaram um aborto espontâneo cinco meses antes da entrevista, de uma gestação que havia sido planejada. Anderson tem 24 anos, é mecânico e está cursando o ensino médio no sistema de ensino a distância (EJA). Seus pais são divorciados desde que Anderson tinha sete anos. No momento da separação, os pais mantinham uma relação estreita e conflituosa, a qual hoje é avaliada pelo filho como amigável.

Ambos os pais se encontram em novos relacionamentos amorosos, sem filhos biológicos. A relação do pai com a nova companheira foi descrita como conflituosa. Anderson relata um rompimento entre ele e sua madrasta e um relacionamento muito próximo com seu pai. Já a mãe de Anderson possui um relacionamento amigável com seu novo companheiro. Ele relata um relacionamento muito estreito entre mãe e filho e um relacionamento amigável com seu padrasto.

Os avós paternos de Anderson estão casados e mantêm um relacionamento próximo e conflituoso. Seu avô materno é falecido há aproximadamente 20 anos e, desde então, sua avó materna não teve outro envolvimento afetivo. O relacionamento com seu falecido esposo era próximo e ao mesmo tempo, conflituoso, isso devido ao uso de álcool. Anderson considera que o relacionamento de sua mãe com seus pais é amigável e o relacionamento de seu pai com os pais, muito estreito.

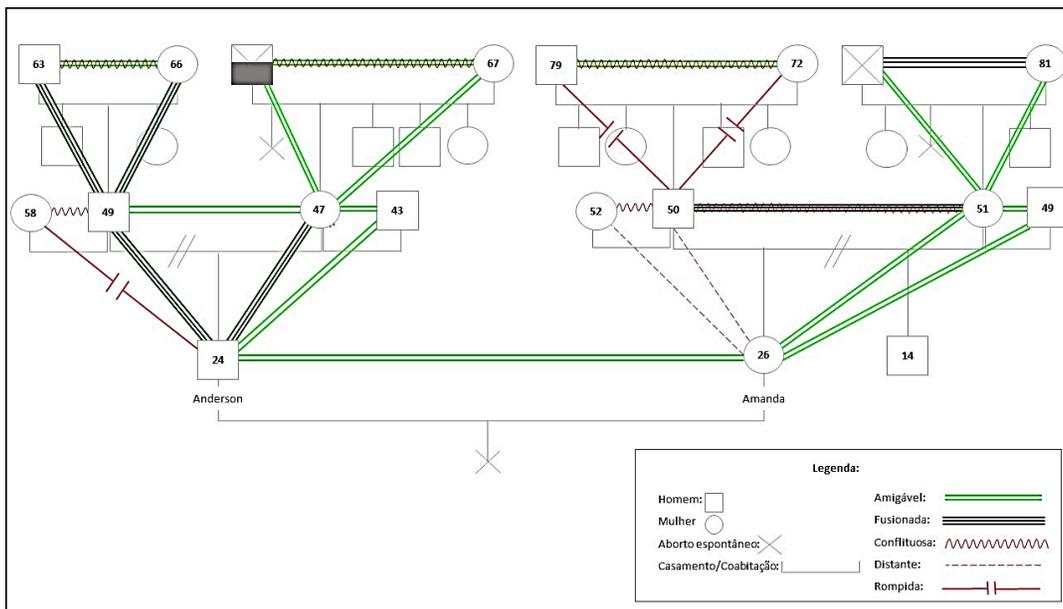
Amanda tem 26 anos, é recém-formada em jornalismo e trabalha nesta área. Os pais estão separados desde seus 11 anos. Apresentam relacionamento muito estreito e conflituoso, desde o casamento até os dias

atuais. Seu pai está em uma nova união e vive uma relação conflituosa com a esposa. Sua mãe também se encontra em outra união, caracterizada como amigável. Atualmente, Amanda mantém relacionamento distante com o pai e amigável com a mãe.

O avô materno de Amanda é falecido há cinco anos. Durante o casamento, mantinham um relacionamento muito estreito. A mãe de Amanda apresentava um relacionamento amigável com seus pais. Os avós paternos de Amanda permanecem juntos com relacionamento próximo e conflituoso, no entanto, o pai de Amanda apresenta rompimento no relacionamento com seus pais. Todas essas relações podem ser visualizadas no Genograma familiar do casal (Figura 1).

No que diz respeito à maneira como percebem o relacionamento dos pais, Anderson relata que seus pais possuíam um relacionamento carinhoso e que não discutiam quando estavam casados. Houve discussões durante a separação e, depois, os pais passaram a se relacionar de uma forma cordial. Ele refere que traz, da conjugalidade de seus pais, a importância de um entender o outro mais abertamente, comportamento que não viu no relacionamento dos progenitores: *“aprendi com eles (pais) que em um casamento cada um deve ceder um pouco pra ter uma relação melhor; não é somente como um quer... E também que não é só o casal, tem o individual de cada um”*. Amanda relata que suas lembranças da conjugalidade dos pais são negativas, com momentos de agressão física e verbal entre eles. Essas lembranças são consideradas *“traumáticas”*, nas palavras dela. Refere que, a partir da percepção do relacionamento dos pais, buscou ressignificar seu modo de se relacionar. Diz agir de modo diferente dos pais, fazendo o uso de diálogo e escuta do parceiro nos momentos em que surgem conflitos conjugais: *“o que eu aprendi na verdade é como não ser um casal, porque*

Figura 1 - Genograma familiar



o meu pai tinha diversas namoradas, a minha mãe sempre histérica...”.

Segundo Amanda, o desejo em comum de desenvolver um relacionamento diferente tanto dos pais, quanto dos sogros, foi um fator que favoreceu a união do casal. Assim como percebido em outros estudos com casais jovens (SCHULZ; COLOSSI, 2020), ela refere que as experiências vividas nas famílias de origem eram temas de conversas entre eles desde o início do relacionamento, servindo de base para pensar no tipo de relacionamento que desejavam. Esta busca pelo oposto é corroborada pela literatura e confirma a influência dos modelos parentais como parâmetros na estruturação da nova união (FALCKE; WAGNER, 2005; QUISINI; COELHO, 2014; SILVA et al., 2010).

Quando perguntados sobre as similaridades entre as famílias de origem e o casal atual, Anderson relata não reconhecer nenhuma. Amanda, por sua vez, nomeia semelhanças de personalidade que repercutem no relacionamento. Ela pontua que Anderson “é bem

parecido com a mãe dele, tem a personalidade dela, gosta muito de ajudar as pessoas, às vezes deixa as vontades dele de lado pra suprir a dos outros”. Ao falar de si mesma, refere que “A minha mãe, como eu falei, ela ‘explode’ muito rápido e eu herdei essa genialidade dela”.

Observa-se que os aspectos de transmissão intergeracional nomeados e reconhecidos pelo casal como tal são limitados a alguns comportamentos e características de personalidade bastante específicos, citados de forma isolada. Evidencia-se, assim, a não percepção da interdependência, tanto entre o casal quanto no que tange às suas famílias de origem.

Na dinâmica estabelecida pelo casal, foi possível observar a atualização de padrões de interação demarcadas pelo controle, tal como nas famílias de origem, a despeito do desejo de se relacionarem de forma diferente. Na família de Amanda, tanto o pai quanto a mãe apresentam características controladoras:

A minha mãe é uma pessoa muito nervosa, muito birrenta tudo tem que ser do jeito dela, tem que ser conforme ela quer. (...) O meu pai é bem parecido, ele tem um gênio muito forte, tem um pouco mais de calma. Se ele não consegue contornar a relação e não consegue deixar da forma que ele quer ele trava (...) fica uns cinco dias sem falar comigo. Tem que ser tudo da forma dele. (...) Ele é uma pessoa autoritária, quer ter poder sobre as outras pessoas.

Estas características podem indicar a predominância de uma relação simétrica entre os pais de Amanda, na qual os comunicantes refletem o comportamento um do outro (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 1967). Como consequência, podem entrar facilmente em escalada dos conflitos, na busca pela razão e/ou pelo poder (WAGNER; NEUMANN; MOSMANN, 2020).

Na família de Anderson, o pai apresenta algumas características similares: *“Ele é um cara bem generoso, o temperamento dele é muito forte, as coisas têm que ser do jeito dele, não dá pra esperar pra amanhã o que dá pra fazer hoje”*. Segundo Amanda, o sogro é uma pessoa: *“autoritária, mandão, às vezes até grosseiro. Em todas as relações ele precisa estar por cima, comandando”*. A dinâmica da relação dos pais de Anderson, porém, parece ser complementar, ou seja, o comportamento de um completa inversamente o do outro (WATZLAWICK et al., 1967). Nesse caso, o pai apresenta características autoritárias e controladoras, enquanto a mãe demonstra um temperamento calmo, pacificador e voltado a ajudar os outros.

Na relação de Anderson e Amanda, ele parece reproduzir em alguma medida o papel ocupado por sua mãe. Segunda Amanda, ele: *“é uma pessoa de um coração muito bom (...) é mais calmo, me acalma bastante (...) (se) me estressei com alguma coisa ele me abraça (...) é um gesto que ele tem de se preocupar*

comigo e querer me acalmar”. Ele corrobora tais aspectos ao dizer que: *“Eu levo muito em consideração a opinião dela. (...) tento entrar em um consenso, eu escuto o que ela tem pra falar; o que ela disser, daí faço meio termo. (...) Algo que seja bom pra mim e para ela”*. Ela, por sua vez, parece reproduzir um papel mais demandante e controlador:

eu sou uma pessoa bem decidida, porque quando eu quero alguma coisa eu vou e faço, claro que na parte de relacionamento, assim tipo se eu falar ‘eu quero ter um filho’, daí ele diz ‘não, eu não quero’, daí a gente senta e conversa pra que a gente se entenda, mas a minha vontade prevalece. Mas eu também entendo a parte dele, se ele disser eu quero trocar de carro eu vou ajudar ele da melhor forma que ele consiga conquistar o sonho dele. Ele se doa e eu também me doo um pouco, mas eu sempre prevaleço pra minha vontade (risos).

A partir dos relatos de Anderson, observa-se uma tendência de comportar-se de forma submissa ao desejo do outro, similarmente ao comportamento demonstrado por sua mãe antes da separação. Colocar-se na posição de submissão aos desejos do outro, por vezes, é compreendido como um valor, como respeito com o outro e carinho. Falcke e Wagner (2005) apontam que esses valores são aspectos que as famílias se preocupam em passar aos seus descendentes a partir de comportamentos explícitos ou implícitos.

Assim, mesmo com a tentativa de fazer diferente, identificam-se repetições transgeracionais nos comportamentos de ambos os parceiros. Isso pode ser observado no momento em que Amanda refere ter trazido o temperamento “explosivo” de sua mãe e no momento em que refere utilizar os mesmos padrões para descrever seu comportamento e o comportamento de seu pai: *“eu fiquei dois dias sem falar com ele (Anderson)”* e *“ele (pai) fica uns cinco dias sem falar comigo”*.

Este padrão evitativo parece ocorrer, também, na relação rompida do pai de Amanda com seus pais (Figura 1). Nessa dinâmica, também vivenciam uma relação complementar (WATZLAWICK et al., 1967), com ela ocupando um papel mais autoritário e Anderson um papel mais submisso.

Percebe-se que, em alguma medida, esta complementaridade os auxilia a se desenvolver. Por exemplo, a característica carinhosa de Anderson parece ter papel fundamental na avaliação que Amanda faz de como uma relação deve ser. Ao mesmo tempo, referem que ele voltou a estudar, em partes, devido ao incentivo dela para que possa buscar realizar os seus sonhos e projetos. Com base nos dados obtidos, porém, esta dinâmica possui uma vertente disfuncional, na medida em que se torna um padrão rígido de funcionamento, fortemente suscetível às lealdades com as famílias de origem.

Essas lealdades podem ser observadas no relato de Anderson quando se refere à opinião dos pais:

vale muito, daria oito. Porque eles são os meus pais, eles não querem o pior pra mim, eles querem o melhor para mim. A opinião vale muito, como temos uma relação muito aberta a gente conversa muito sobre as coisas (...) eu não escondo nada deles, o que está passando na minha vida, o que acontece. Eles também o que está acontecendo na vida deles eles me falam. É de confiança.

Estes dados, juntamente com outros indicativos observados na entrevista, apontam para uma relação fusionada de Anderson com seus pais, o que pode ser observada na Figura 1, representando uma forte lealdade com sua família de origem (FALCKE; WAGNER, 2005) e baixos níveis de diferenciação de *self* (BOWEN, 1979).

Esta relação de Anderson com sua família de origem parece ser motivo de conflito entre

o casal, quando Amanda diz: “*A gente pouco discute, mas quando discute envolve a família dele*”. No genograma, pode-se observar uma repetição trigeracional da relação de proximidade e emaranhamento: Assim como Anderson se mostra emaranhado com sua FO, seu pai também parece ter uma relação de grande proximidade com os próprios pais. Amanda, por sua vez, reclama da dependência dele:

Ele depende muito da aprovação da mãe, do pai, dos tios... Eu falei diversas vezes sobre isso com ele, ele tem muito o pensamento de filho, ele não tem o pensamento de marido. (...) Às vezes eu digo ‘Anderson, você corta a grama aqui em casa?’, daí ele responde que no fim de semana; no sábado ele liga pra mãe dele, pergunta o que ela está fazendo, ela diz que está cortando grama, ele larga as coisas aqui em casa e vai cortar a grama para a mãe dele e acaba não cortando da casa onde ele mora.

Este comportamento denota ainda a prevalência das demandas da família de origem sobre as demandas da nova família, em fase de formação do casal, a qual tem como demanda fundamental o comprometimento com o novo sistema (MCGOLDRICK; PRETO; CARTER, 2016). Amanda também demonstra indicativos de uma relação fusionada com sua família de origem ao relatar de que forma está estruturada sua tomada de decisão:

Se eu tiver em dúvida sobre o que eu vou fazer, a opinião dele (Anderson) pesa muito, mas, se eu já estiver decidida, eu vou conversar com ele, vou ouvir o que ele tem a dizer, mas se eu já tiver tomado a decisão eu vou fazer. (...) se eu estiver decidida eu vou e faço, mas se eu estiver indecisa eu peço pro meu pai e pra minha mãe, daí avalio o que eles me falaram, o que o Anderson me falou e o que eu quero.

Outra situação que corrobora a invasão das fronteiras conjugais pelas famílias de ori-

gem pode ser observada pela fala de Amanda no momento em que o casal estava pensando em ter filhos:

quando eu decidi que queria engravidar eu falei pro meu pai, daí ele disse que era muito cedo que a gente não estava estável financeiramente, mandou esperar um pouco. Falei com a minha mãe, ela disse que já deveria ter engravidado fazia tempo (...) voltei pra minha mãe e falei ‘mãe, o que eu faço, ele (Anderson) quer ter só um (filho)’ daí a minha mãe respondeu que a escolha era minha, que eu tenho o poder...

Tais relatos remetem a uma identidade conjugal frágil, que pode ser resultado da alta intrusividade parental (MANZI et al., 2015). Isso porque as vivências com a família de origem e os valores passados influenciam na tomada de decisão dos filhos de maneira mais intensa para os casais que apresentam dificuldade de diferenciar-se de sua família de origem e de formar uma nova identidade conjugal (BERNARDI; MELLO; FÉRES-CARNEIRO, 2019).

A decisão pela gestação, assim, parece explicitar as dinâmicas de lealdades familiares que já existiam previamente e potencializar as discussões entre o casal. Apesar de, na construção do genograma, ambos terem referido uma relação harmoniosa, nas entrevistas individuais, pode-se observar uma dinâmica conjugal conflituosa e demarcada pela dificuldade de comunicação. Isso pode ser observado na fala de Anderson, quando refere que:

Quando as coisas têm que ser do jeito dela, a gente tenta dialogar, ela escuta até certo ponto e depois ela “explode” e a gente começa a brigar, isso é diariamente (...). Está bem confuso (o relacionamento). Tá complicado, qualquer coisa a gente briga. Em vez de chegar em casa, sentar e ficar um tempo junto não, eu vou fazer as minhas coisas e ela vai fazer as coisas

dela, daí a gente janta e vai dormir. Não conversamos mais muito, qualquer coisa a gente briga, por coisas que não tem nem sentido da gente estar brigando.

Evidencia-se assim o encontro entre estressores horizontais, nomeadamente, a gravidez e o luto pela perda gestacional, e estressores verticais, demarcados pela forte lealdade de ambos com suas famílias de origem (MCGOLDRICK et al., 2016). A partir destes dados, pode-se observar que este casal verbaliza uma tentativa de se diferenciar de seus pais, mas, em seus comportamentos, acabam por repetir muito daquilo que tentam fazer diferente. Esta lealdade pode ser explicada pelo lugar que ocupam em suas famílias de origem, pois, a partir do genograma, observa-se que Anderson se diz muito próximo dos pais, valorizando as suas opiniões mais do que as da própria parceira. Estudos demonstram que esta triangulação do filho adulto em sua família de origem tende a impactar negativamente na qualidade conjugal deste filho (HU et al., 2015; YUAN, 2019). Na família de Amanda, o mesmo processo ocorre. Evidencia-se uma alta intrusividade da mãe no relacionamento afetivo da filha e uma baixa identidade conjugal (MANZI et al., 2015), além da repetição de diferentes comportamentos de seus pais. Evidencia-se então que ambos os membros do casal estão pouco diferenciados das suas famílias de origem, o que acaba interferindo na conjugalidade.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo descrever a compreensão de um casal sobre as repercussões transgeracionais na sua relação conjugal, por meio de um estudo de caso único. Este método consiste em uma ferramenta importante de conhecimento para a área clínica, na

medida em que permite aprofundar as dinâmicas relacionais e os impactos da história transgeracional na relação atual do casal.

O casal investigado nomeou elementos específicos de transmissão intergeracional em suas histórias, tais como similaridades em comportamentos ou em características de personalidade com os genitores, ou, ainda, em atitudes parentais que não desejavam repetir. Foi possível identificar as características percebidas pelos filhos como positivas e negativas quando descreviam o relacionamento dos pais e o seu próprio relacionamento. Tais aspectos influenciaram no modo como cada membro da díade percebia o seu parceiro e como se relacionava com o mesmo. Mais do que isso, porém, o estudo permitiu identificar repercussões na dinâmica relacional do casal que não foram identificadas e nomeadas pelos participantes, mas visíveis ao analisar os dados com profundidade. Observou-se que as repercussões que tangem à dinâmica relacional e aos comportamentos interdependentes não foram percebidas de forma clara pelos participantes.

Um estudo brasileiro recente, realizado com metodologia similar, ilustrou processos de transmissão transgeracional demarcados pela funcionalidade, adaptação e qualidade da relação do casal investigado (SCHULZ; COLOSSI, 2020). A presente investigação, por sua vez, contribui para a formação de estudantes e profissionais que atuam na clínica de casal especialmente por demonstrar a ocorrência de processos que resultam em desencontros conjugais, na medida em

que ilustra a constituição de uma dinâmica complementar (WATZLAWICK et al., 1967) pautada na relação de controle e submissão, derivada de baixos níveis de diferenciação de *self* (BOWEN, 1979; FIORINI et al., 2018; OTTO; RIBEIRO, 2020), o que, ainda que se assemelhe ao padrão de conjugalidade dos pais e gere conflitos no relacionamento atual, não é identificado e nomeado pelo casal. Reflete-se sobre o quanto tais comportamentos são naturalizados como características inerentes aos relacionamentos e passam a ser reproduzidos de geração em geração, constituindo o ciclo transgeracional de repetição dos padrões relacionais.

É necessário pontuar que os dados trazidos neste estudo não são generalizáveis, visto que se trata de um único caso, advindo de um contexto sociocultural específico, e dizem respeito a um recorte temporal específico. Tem-se como limitação a exploração rasa das histórias relacionais dos avós dos participantes, o que, se fosse feito com mais profundidade, permitiria uma análise trigeracional de maior complexidade. A partir destes dados, recomendam-se novos estudos que possam acompanhar casais longitudinalmente para compreender de que forma as repercussões transgeracionais se atualizam na vivência da conjugalidade com o passar do tempo. Recomendam-se estudos que possam identificar os marcadores das transformações ou da estagnação em um padrão de funcionamento rígido, o que permite amplificar os subsídios para a intervenção clínica com casais.

REFERÊNCIAS

- ANDOLFI, M. **A linguagem do encontro terapêutico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- ANTON, I. C. **O casal diante do espelho: psicoterapia de casal, teoria e técnica**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.

- BERNARDI, D., MELLO, R., FÉRES-CARNEIRO, T. Ambivalências frente ao projeto parental: Vicissitudes da conjugalidade contemporânea. **Revista da SPAGESP**, v. 20, n. 1, p. 9-23, 2019.
- BOWEN, M. **De la familia al individuo**: La diferenciación de si mismo em el sistema familiar. Ediciones Paidós: Barcelona, Buenos Aires y México, 1979.
- CAMICIA, E. G., SILVA, S. B. DA, & SCHMIDT, B. Abordagem da transgeracionalidade na terapia sistêmica individual: um estudo de caso clínico. **Pensando famílias**, v. 20, n. 1, p. 68-82, 2016.
- FALCKE, D., WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In.: WAGNER, A. **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2005.
- FÉRES-CARNEIRO, T., MAGALHÃES, A. S., ZIVIANI, C. Conyugalidad de los padres y proyectos de vida de los hijos frente al matrimonio. **Cultura y Educación**, v. 18, n. 1, p. 95-108, 2006.
- FERREIRA, L. C., NARCISO, I., NOVO, R. F., PEREIRA, C. R. Predicting couple satisfaction: the role of differentiation of self, sexual desire and intimacy in heterosexual individual. **Sexual and Relationship Therapy**, v. 29, n. 4, p. 390-404, 2014.
- FIORINI, M. C., MULLER, F. G., BOLZE, S. D. A. Diferenciação do self: revisão integrativa de artigos empíricos internacionais. **Pensando famílias**, v. 22, n.1, p.146-162, 2018.
- HOLMAN, T. B., BUSBY, D. M. Family-of-origin, differentiation of self and partner, and adult romantic relationship quality. **Journal of Couple & Relationship Therapy**, v. 10, n. 1, p. 3-19, 2012.
- HU, W., SZE, Y. T., CHEN, H., FANG, X. Actor-partner analyses of the relationship between family-of-origin triangulation and marital satisfaction in Chinese couples. **Journal of Child & Family Studies**, v. 24, p. 2135-2146, 2015.
- KIM, H., PROUTY, A. M., SMITH, D. B., KO, M., WETCHLER, J. L., OH, J. Differentiation and healthy family functioning of Koreans in South Korea, South Koreans in the United States, and White Americans. **Journal of Marital and Family Therapy**, v. 41, n. 1, p. 72-85, 2015.
- LAMPIS, J. Does partners' differentiation of self predict dyadic adjustment? **Journal of Family Therapy**, v. 38, p.303-318, 2016.
- LAMPIS, J., CATAUDELLA, S., BUSONERA, A., SKOWRON, E. A. The role of differentiation of self and dyadic adjustment in predicting codependency. **Contemporary Family Therapy**, v. 39, p. 62-72, 2017.
- LOHAN, A., GUPTA, R. Relationship between differentiation of self and marital adjustment in Indian couples. **Journal of Psychosocial Research**, v. 11, n. 1, p.139-146, 2016.
- MANZI, C., PARISE, M., IAFRATE, R., SEDIKIDES, C., VIGNOLES, V. L. Insofar as you can be part of me: The influence of intrusive parenting on young adult children's couple identity. **Self and Identity**, v. 14, n. 5, p. 570-582, 2015.
- MCGOLDRICK, M., PRETO, N., CARTER, B. The life cycle in its changing context: Individual, family and social perspectives. In.: MCGOLDRICK, M., PRETO, N., CARTER, B. **The expanding family life cycle**: Individual, family, and social perspectives. 5th ed. New Jersey: Pearson, 2016.
- NICHOLS, P. M., SCHWARTZ, C. R. A terapia familiar sistêmica de Bowen. In.: NICHOLS, P. M., SCHWARTZ, C. R. **Terapia familiar**: Conceitos e métodos. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- OTTO, A. F. N., RIBEIRO, M. A. Contribuições de Murray Bowen à terapia familiar sistêmica. **Pensando Famílias**, v. 24, n. 1, p.79-95, 2020.

- PELEG, O. The relation between differentiation of self and marital satisfaction: What can be learned from married people over the course of life? **The American Journal of Family Therapy**, v. 36, 388-401, 2008.
- QUISSINI, C., COELHO, L. R. M. A influência das famílias de origem nas relações conjugais. **Pensando famílias**, v. 18, n. 2, p. 34-47, 2014.
- RODRÍGUEZ-GONZÁLEZ, M., SKOWRON, E. A., GREGORIO, V. C. DE, SAN ROQUE, I. M. Differentiation of self, mate selection, and marital adjustment: Validity of postulates of Bowen Theory in a Spanish sample. **The American Journal of Family Therapy**, v. 44, n. 1, p. 11-23, 2016.
- ROSADO, J. S., BARBOSA, P. V., WAGNER, A. Ajustamento Conjugal: a função das características individuais, do casal e do contexto. **Psicologia em Pesquisa**, v. 10, n. 1, p. 26-33, 2016.
- SCHULZ, C., COLOSSI, P. M. A transmissão transgeracional dos modelos conjugais. **Pensando Famílias**, v. 24, n. 1, p. 45-66, 2020.
- SILVA, I. M. DA, MENEZES, C. C., LOPES, R. DE C. S. Em busca da “cara-metade”: motivações para a escolha do cônjuge. **Estudos em Psicologia**, v. 27, n. 3, p. 383-391, 2010.
- SILVA NETO, J. A. DA., STREY, M. N., MAGALHÃES, A. S. Sobre as motivações para a conjugalidade. In: A. WAGNER ET AL. **Desafios psicossociais da família contemporânea: Pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- WATZLAWICK, P; BEAVIN, J. Alguns Aspectos Formais da Comunicação. **American Behavioral Scientist**, v. 10, n. 8, p. 4-8, 1967.
- WAGNER, A., MOSMANN, C. P., NEUMANN, A. P. Intervenção psicoeducativa na conjugalidade: estratégias de resolução de conflitos conjugais. In.: M. L. M. TEODORO, M. N. BAPTISTA. **Psicologia de família: Teoria, avaliação e intervenção**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2020.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- YUAN, X. Family-of-origin triangulation and marital quality of Chinese couples: The mediating role of in-law relationships. **Journal of Comparative Family Studies**, v. 50, n. 1, p. 98-111, 2019.
- ZIVIANI, C.; LINS, S.; FERES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S.; MELLO, R.; MACHADO, R. Perception of parents as a couple and reported current marital social skills. **Psychology**, v. 5, n. 18, p.1989-1998, 2014.

